

Diálogo com José Cardoso Pires



As entrevistas não têm história, os entrevistados, sim. Esta, porém, exige uma explicação. Começou há longos meses em São Paulo e reinicia, talvez, o diálogo há mais de vinte anos principiado em Lisboa, quando José Cardoso Pires publicou *Os Caminheiros*. Mas tão fugazes foram os reencontros paulistanos que mal reatámos o diálogo.

— Respondo à sua entrevista numa varanda sobre o mar. Nerja é uma praia da costa de Málaga mas à margem da cadeia cosmopolita Marbella-Torremolinos. Aldeia de pescadores, tem a 4 quilómetros as célebres grutas paleolíticas Cuevas de Nerja, que se transformaram num santuário do bailado, com actuações do Bolshoi, do Harkness Ballet, de Nova Iorque, da Companhia de Ópera de Paris, do Metropolitan Ballet, etc. Hoje mesmo no deslumbrante cenário de estalactites vai exhibir-se Maria Rosa, o flamenco mais reputado da actualidade.

Relemos Cardoso Pires, de *Os Caminheiros* a *O Delfim*. Vinte e dois anos separam o primeiro e o último livros. Separam? Não. De 1946 a 1968 o tempo confirmou o escritor. A «promessa» cumpriu-se. O ficcionista realizou-se. E o ensaísta — ou o observador? — também, porque o dramaturgo de *O Render dos Heróis* continua sendo o comentador do passado revivido, no qual as figuras, como disse Alexandre Pinheiro Torres, restauram «o sentido da marcha da História».

— Saí do Rio a 29 do mês passado (Julho) com destino a Barcelona e de lá vim encontrar-me aqui com minha mulher e filhas. Regresso no dia oito a Portugal para me fixar, uma vez que não retomarei o curso de literatura portuguesa que estava a dar no King's College, da Universidade de Londres.

O tempo e a ficção, o real e o imaginário. «Por cima das águas tutelares imagino uma inscrição em grandes letras douradas numa fita suspensa das nuvens: *Ad Usum Delphini*. O Plano da Gafeira. A História e as histórias de cada um, os mortos e os vivos, a relação entre o passado e o presente. A continuidade, enfim.

— Agora, em *Nerja*, estou precisamente a rever provas do meu próximo livro, *Dinosaurus Excelentíssimo*.

Quando da sua estadia em São Paulo e no Rio foi anunciado que *Dinosaurus Excelentíssimo* seria publicado simultaneamente em Portugal e no Brasil. Contudo, não houve qualquer informação da sua parte sobre o tema do livro.

José Cardoso Pires esclarece:

— Trata-se de um «divertissement». Uma falsa história para crianças «cuja idade varia conforme os respectivos pais» — como eu digo, a abrir. Tinha-a escrito há dois anos e era realmente um longínquo conto infantil que não me agradava e que pus de lado. (As narrativas para crianças quando eu era menino me seduziam. O autor assume em 90 por cento dos casos uma atitude paternalista na comunicação. Esforça-se por descer ao simples, ao tu-cá, tu-lá, para tornar acessível, julga ele, uma aventura moralizante ou exemplar. Detesto).

Acontece que o ano passado assisti a duas conferências na exposição de comic strip que se realizou no International Contemporary Arts, de Londres, e isso fez-me voltar à história do *Dinosaurus*. Recomecei-a desde a primeira linha. É um texto acentuadamente experimental, uma expressão literária inspirada em certos ritmos e com certas explorações de comunicação do cartoon.

Um livro feito duas vezes? Assim é, neste caso, do mesmo modo que nos outros há um prolongamento, um aditamento,

omo se uma linha imaginária os relacionasse e diferenciásse, ao mesmo tempo: «Desde o primeiro ao último dos seus livros, há uma certa continuidade, uma evolução e uma relação. Melhor, uma superação. Há, de facto, uma fidelidade à directriz iniciada com **Caminheiros?**

— **Sòmente na tomada de posição social e na recusa ao demagogismo literário — contrapõe José Cardoso Pires. Creio que o que impressionou os leitores desse livro foi o traço aparentemente elementar e a prevalência da sugestão em determinadas conotações da narrativa. De qualquer modo afastava-se da demagogia corrente na altura, que era involuntária em muitos casos e que recrutava os leitores através da retórica sentimental e do populismo. Hoje a demagogia é bem mais ridícula. Dirige-se ao provincianismo de uma cultura que se pretende à la page. Entre outras coisas recorre a um proto-ensaísmo que se exhibe em adaptações locais das temáticas parisienses.**

«Retórica sentimental» e «populismo»: terá sido alguma vez o escritor um «hóspede do realismo», como lhe chamavam, a propósito de **O Hóspede de Job?** Interrogamos Cardoso Pires: «Já o têm aparentado aos neo-realistas. Que ensa dessa catalogação?»

— **Acho-a ociosa.**

Como situar, pois, o romancista de **O Delfim?** Terá um lugar ao lado de, na literatura portuguesa contemporânea, ou apenas «um lugar», o seu? Ou é essencialmente um ficcionista? «Se assim se considera, o que o levou às incursões pelo ensaio (**Cartilha do Marialva**) e ao teatro (**O Render dos Heróis?**)».

— **A convicção de que eram as formas mais adequadas a exprimir o que queria dizer.**

Repare, o facto de eu não voltar ao teatro não significa que eu o tivesse abordado por simples dilettantismo. **O Render dos Heróis** resultou numa montagem excepcional, como suponho que é do seu conhecimento. E no entanto a experiência não me apaixonou porque não acredito no processo de se escrever teatro à distância do palco. Por muitas razões é isso que se é impellido a fazer em Portugal, teatro para ler em casa. Será muito meritório, mas é penoso. Tem pouco ou nada a ver com as diligências de comunicação dos públicos contemporâneos.

Pensamos nos «exemplos reais» de «alguns provincianismos comuns». Pensamos no texto lúcido de Fernando Pessoa, que — no dizer de Cardoso Pires — «projectou o seu desejo de universalidade com ideias que permitiram explorações posteriores da parte dos pensadores menores que lhe sucederam». Pensamos na dissecação exhaustiva que se fez na **Cartilha do Marialva** acerca dos clássicos, uns muito

em moda — como são os casos de Camões, Garrett, Júlio Diniz, Eça de Queiroz e Fernando Pessoa — e outros cuja obra deve ser repensada, no tempo e no espaço: D. Francisco Manuel de Melo e Ribeiro Sanches, D. Luís da Cunha e o Cavaleiro de Oliveira, o abade Correia da Serra e Luís António Verney. Exactamente como propôs Cardoso Pires na «**Cartilha**» (1.ª edição em 1960, 2.ª edição, refundida, em 1966), citando o Cavaleiro de Oliveira: «É preciso dar crédito e autoridade à Razão para que o Acaso se não constitua soberano». Mas, qual é a relação entre **O Render dos Heróis** e a «**Cartilha**», que também é chamada «das Negações Libertinas?»

— **Com a Cartilha do Marialva o problema é diferente. Tenho-a revisto e aumentado de edição para edição, o que prova que não é um livro episódico para mim. De resto, tenciono reunir em volume alguns textos de exegese literária, notas de leitura, comentários de trabalho, enfim, páginas à margem da ficção que publicarei com o título O Cavaleiro no Aquário. Esse tratado das tordelilhas que limita o novelista, impedindo-o de entrar nos meridianos do ensaio e o ensaísta de entrar na ficção, é bobagem. Conversa de académicos no fio. Quanto a mim, investigar (como disse Langevin) e criticar (como escreveu Oscar Wilde, também são formas de criação específicas. Ou então não passam de prosa escolar, repetitiva.**

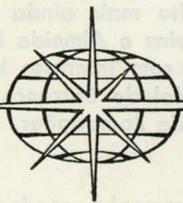
Para onde caminha José Cardoso Pires? Depois do **Dinosaurius** e do **Cavaleiro**, quais os projectos do escritor — a curto e a longo prazos?

— **Terminar o romance em que tenho estado a trabalhar há dois anos. Tenciono publicá-lo no Outono de 72.**

O que significa um livro para o autor: acaba no momento em que o editor o dá ao público? Ou revê e completa personagens e situações nas edições seguintes?

— **Corrijo sempre as reedições, excepto no Delfim que só na quinta edição me foi possível introduzir emendas. Não tenho aqui o exemplar mas, não sei se se lembra, a certa altura digo lá que um livro cresce com o escritor, com a experiência e a depuração íntima de um escritor. E que por isso é sempre susceptível de ser melhorado. Mais ou menos isto, salvo erro.**

Não se limita **O Delfim** a dar «o recado» do escritor acerca do mundo que o cerca? «Numa dimensão jamais alcançada antes — escreveu Nelly Novaes Coelho — aprofunda-se neste romance, o processo criador de José Cardoso Pires, em sua vigilância constante para transcender o significado liberal e raso do real-objectivo e dar-lhe uma conotação simbólica». Romance-mensagem? Depoimento? Uma condenação ou uma atitude?



STAR

AMERICAN EXPRESS

REPRESENTATIVE

VIAGENS E TURISMO

TRAVEL SERVICE

RUA DUARTE PACHECO PEREIRA, 28 — LUANDA
TELEFONE, 25926-26699 * C. P. 3334 * TELEGRAMA STAREX



A MUNDIAL
DE ANGOLA
COMPANHIA DE SEGUROS

SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

• •

SEDE EM LUANDA:

AVENIDA PAULO DIAS DE NOVAIS 93

• •

AGÊNCIAS E DELEGAÇÕES
NAS PRINCIPAIS LOCALIDADES

— Tudo isso e, principalmente, a descrição de um tempo abstracto, suspenso. O que pretendi foi dar uma temperatura, não a narrativa centralizada em acontecimentos processados dentro de uma lógica linear. Uma temperatura, volto a dizer, moral e psicológica do homem despojado de autoridade. Esse condicionamento conduz à mitomania como expressão-limite do desejo de afirmação. Conduz ao delírio das representações de autoritarismo, não é assim? E, naturalmente, desencadeia transferências de toda a ordem. O machismo será uma delas, uma dessas afirmações alienadas com que se compensa o indivíduo desautorizado socialmente. Mas é apenas uma das muitas, porque há outras. De maneira nenhuma eu quis fazer dele o tema central do romance, como pretenderam alguns críticos por associação com a teoia do marialvismo.

Na verdade, para alguns *O Delfim* foi, é um acontecimento na literatura portuguesa de hoje. Mas, qual literatura? Qual sentido? Ou, melhor, como definir agora, essa literatura?

— Como um conjunto extremamente variado de temas e de expressões e perfeitamente emancipado do naturalismo oitocentista português. Nos casos mais importantes, também está liberto das heranças escolares e das seduções actualizadas do francesismo.

Uma literatura que se libertou. Importante ou não, mas igual a si mesma. E que nem por isso deixa de se situar numa perspectiva europeia e universal. Ou sem dimensão, solitária e desinteressante?

— Estamos a falar no caso particular da ficção... Da novelística, em particular. Pois a mim parece-me que a crise da ficção dos países tradicionalmente mais produtivos e de maior mercado fez com que eles procurassem a literatura dos países menos favorecidos pelo prestígio. Foi, em grande parte, o que trouxe a primeiro plano, e muito justamente, os romancistas hispano-americanos. E é também o que agora se começa a verificar em relação a Portugal, embora timidamente.

A presença do escritor é significativa, *O Delfim* o termómetro. «Complexo como Camus, irónico como Gunter Grass, transcendental como Calvino, José Cardoso Pires ultrapassa as dimensões físicas de Portugal para assumir sua posição legítima de grande escritor europeu deste final de século». O parecer é de Léo Gilson Ribeiro. Mas, a par do novelista de *O Anjo Ancorado*, quantos dos seus pares têm o direito de audiência além-fronteiras?

— Os que têm voz pessoal, logicamente — observa Cardoso Pires. Os que falam do seu país neste tempo e nesta hora e que o descreveram fora dos lugares-comuns da sociologia ou da História. Os que, além de tudo isso, lhe descobriram certas singularidades. Uma lista desses escritores é difícil. Muito mais ainda uma lista judicativa. Mas Carlos de Oliveira e Almeida Faria são exemplos-limite de romancistas com interesse internacional. E Abelaira, e o Alves Redol do Barranco dos Cegos, o Aquilino da Casa Grande de Romarigães, Marmelo e Silva, Castro Soromenho...

O problema das relações: Castro Soromenho, sendo português, é, sobretudo, o ficcionista (ou um dos) de Angola. Aproximação que vários críticos detectaram em ficcionistas portugueses, considerando-os influenciados pelos brasileiros contemporâneos, designadamente os do chamado ciclo nordestino. Concorda?

— Em alguns autores, sim. E não em tantos como se diz. Manuel da Fonseca recebeu o salutar impacto de Graciliano, Jorge Amado tocou principalmente os contistas iniciados — Antunes da Silva, Garibaldi de Andrade, etc. Mas já não me parece que tenha influenciado Redol, que foi um escritor desigual e apaixonado. É um lugar comum dizer-se que sim, eu sei. Mas para mim, as influências que ele acusa vêm de Fialho de Almeida, principalmente. Do Fialho e do Garrett das Viagens na Minha Terra, como está mais do que à vista em Olhos de Água.

Da influência à receptividade da crítica e dos leitores: quais os autores brasileiros melhor conhecidos em Portugal?

— No grande público, Erico Veríssimo e Jorge Amado. Nas áreas de maior permanência cultural, Odylo Costa Filho, Lygia Fagundes Telles, Otto Lara Resende, Clarisse Lispector. Que me lembre, são estes... e, claro, Guimarães Rosa. Mas Guimarães Rosa está ainda confinado aos círculos universitários.

Outros mereciam, é evidente, o interesse do público português, mas são desconhecidos, quase. Quais devem ser destacados?

— Dalton Trevisan e António Callado, em primeiro lugar. Quadrop, que faz parte da lista de leituras da Universidade de Londres, é totalmente ignorado dos estudantes portugueses. Acrescento ainda O Coronel e o Lobishomem, essa maravilha.

Ninguém estudou, até hoje, as influências de Fernando Pessoa no Brasil. Não foram examinadas as ressonâncias de um Manuel Bandeira ou de um Carlos Drummond de Andrade na jovem poesia portuguesa. Pensamos nestes paralelos ainda não pesquisados e pedimos a opinião de Cardoso Pires: parece-lhe visível na actualidade literária portuguesa qualquer influência de autores brasileiros?

— Não... influências brasileiras não encontro. Evidentemente, quando há pouco falávamos da repercussão do ciclo nordestino em escritores dos anos 40-45, evidentemente que devia ter acentuado a existência de um conjunto de circunstâncias que facilitavam essa influência. Os nordestinos surgiram sob a bandeira social e os neo-realistas também, depois da derrota dos republicanos espanhóis e da marcha nazi sobre a Europa. Em ambos os movimentos houve engajamentos políticos declarados. Ao mesmo tempo, foi-se estabelecendo intercâmbio entre diversos grupos literários dos dois países. Entre os escritores da revista carioca Esfera e O Diabo, de Lisboa, por exemplo. Michael Gold que, esse, sim, influenciou indelévelmente os jovens daquele tempo, entrava em Portugal pela via da tradução brasileira. A revista universitária Sol Nascente reproduzia e criticava a produção quase quotidiana de além-Atlântico. Em suma, existiam condições de empatia...

Isso não significa que não ocorram paralelismos independentes, totalmente independentes. Estou-me a lembrar de Aquilino e de Guimarães Rosa, das muitas e perturbadoras afinidades que lhes encontro. Não na política linguística nem das aventuras que May Daniel abordou tão notavelmente. Não. O que me está a ocorrer é a atitude destes escritores face à Natureza. Vejo, no fundo de qualquer deles, a mesma concepção medieval da unidade de Criação. Há, num e noutro, um diálogo, ia a dizer franciscano, com o mundo elementar, repleto de ternura e de perdão. Mas isto daria um ensaio, e talvez valesse a pena. Levaria com certeza muito longe.

Uma interrogação irreprimível, mas que desejaríamos independente de quaisquer conotações políticas e, sobretudo, de relações intergovernamentais. Fala-se muito na Comunidade Luso-Brasileira: em que bases deveria funcionar a aproximação cultural entre os dois países?

— Nesta minha estadia no Basil — opina José Cardoso Pires —, fiquei com a ideia de que o português da metrópole é olhado como um sujeito formal e conservantista. Mais ou menos como um cidadão espartilhado em estilo de vossa excelência. Ora, essa imagem só se deve ao distanciamento e à ausência de contactos directos e fora das vias burocráticas. Resolver a aproximação com instituições rotineiras, com a bela frase ou com tratados, enfim, duvido. Acredito muito mais nos resultados das iniciativas comerciais ou privadas. Em matéria de arte e literatura eu penso que, seja em que país for, as promoções oficiais dificilmente evitam os oportunismos e deixam rastro duradouro.

Um escritor tem sempre inclinação por outro ou outros escritores. Quais são os preferidos de José Cardoso Pires entre os portugueses de ontem e de hoje? Entre os estrangeiros? Alguns deles foi seu «Mestre» ou o influenciou?

— Pertengo à geração que se seguiu ao neo-realismo e que recebeu dele a lição da «pluralidade de expressões». Foi realmente o movimento português que trouxe mais variedade de temas e de expressões. Mas nas minhas preferências o romancista exemplar era Carlos de Oliveira. Depois vieram os anos de rebelião, a abordagem ao surrealismo após a lettre opondo-se ao sentimentalismo de alguns romancistas em voga. Breton e Nadeau substituíam os heróicos e magistras oportunistas de Aragon, tão querido da geração anterior. Por mim, fui o primeiro a abandonar, como se sabe, o Quartier Latin das belles lettres do cadavre exquis. Stephen Crane e Hemingway tocaram-me profundamente. Ensinavam-me a repudiar o retórico dominante e a articular o diálogo. Por outro lado, havia neles um behaviourism que limitava... Bom, lia também Faulkner, e muito. Traduzi Faulkner, o que me levou a perceber como conduzia facilmente a fáceis limitações. A todos esses erzätzen que fazem a poluição literária que «embeleza» até alguns escritores de talento. Que mais posso acrescentar? Que um romancista quando desponha é uma fonte de sentidos a procurar descobrir a sua voz e o seu temperamento? Sim, deve ser o que se passa. Daí, a sua peregrinação ansiosa mas vigiada à procura de estímulo e identificações neste e naquele mestre. E depois noutro, e noutro, até se encontrar.

Regresso a O Delfim: «Desta maneira, o Autor em visita despede-se»... Vinte e dois anos antes, José Cardoso Pires começou uma aventura: foi no tempo de Os Caminheiros (1946). Prosseguiu-a com Histórias de Amor (1952), que vieram a ser postas «fora do mercado» e depois ressurgiram, em parte, nos Jogos de Azar (1963); entre os dois livros, apareceram O Anjo Ancorado (1958), O Render dos Heróis (1960) e Cartilha do Marialva (1960) e, a seguir, apareceram O Hóspede de Job (1964) e, em Maio de 1968, a 1.ª edição de O Delfim. A esse desaparecido livro (que talvez não volte a surgir inteiro, pois o Autor o incluiu parcialmente nos Jogos de Azar) vou buscar a «ingénua pergunta» de José Cardoso Pires, que é talvez «a chave» (se em literatura existem «chaves») dos seus oito livros publicados: «Será verdadeiro, inteligente, reduzir a liberdade humana a um ponto, mesmo a um momento, tão falível e de validade tão restrita? Pergunto até se num mundo contradito nas forças que o movem — razão e instinto, e instinto e razão podem dissociar-se em tamanha escala?»